

Antes dos gurus, os clássicos

A solução de dilemas corporativos já estava na fala de filósofos como Aristóteles e Platão. Os clássicos oferecem ao executivo a sabedoria necessária para aprimorar-se. De Platão a Sun Tzu, passando por Júlio César ou Musashi, estadistas e filósofos orientais e ocidentais têm contribuído com soluções para os dilemas corporativos.

O burburinho de Hanói satura os ouvidos do visitante da capital vietnamita, mas em meio a tanta balbúrdia uma ilha de silêncio permite descansar e olhar para dentro de si. É o Templo da Literatura, a primeira universidade construída para os filhos dos imperadores, no século XI. Logo nas paredes da entrada, o visitante pode ver gravada a vida de grandes mestres. Diante deles, repousam descomunais tartarugas de pedra, tão grandes que seria possível cavalgá-las. "Ao perguntar por que escolheram a tartaruga, responderam-me que a sabedoria precisa de tempo, reflexão, quietude", explica Javier Fernández Aguado, sócio da empresa de consultoria de gestão MindValue. Este é um dos muitos ensinamentos que a sabedoria oriental pode oferecer, e por isso está cada vez mais na moda recorrer a autores como Sun Tzu, que escreveu A arte da guerra, para aplicar seus ensinamentos à gestão de suas empresas ocidentais.

O livro abriu as portas para outros volumes, como O livro dos cinco anéis, de Miyamoto Musashi, ou As trinta e seis estratégias chinesas, de Gao Yuang. Estes títulos milenares contêm ensinamentos aplicáveis, embora muitas vezes apresentem as relações mercantis como um confronto.

Mais próximos da cultura ocidental são os ensinamentos de autores como Sêneca, Tomás de Aquino, Graciano ou Erasmo de Roterdã, que representam os alicerces sobre os quais se ergueu nossa civilização. Aguado afirma que as propostas que hoje se apresentam à direção das empresas já foram analisadas, de um modo ou de outro, pelos próprios dirigentes da Grécia e da Roma clássicas.

De acordo com Aguado, a longevidade dessas idéias se dá pelo fato de que o homem é o mesmo desde que o mundo é mundo. O que muda são as circunstâncias, acrescentaria Ortega y Gasset. "Há vezes em que nos preocupamos em definir o tempo atual como um período de mudança, e, na minha opinião, a mudança não mudou. O que mudou é a rapidez com a qual ela se produz", explica Fernández Aguado.

No Olimpo do classicismo estão os filósofos gregos, com Aristóteles à frente - embora não seja fácil ler suas obras sem preparo prévio. Mais acessíveis são os estadistas romanos, como Marco Aurélio e Júlio César ou pensadores como Sêneca e Cícero. Sobre estes há uma certa unanimidade. Chegando à Idade Média, Aguado recomenda a leitura de Erasmo de Roterdã, Tomás de Aquino e Francisco de Vitória. Santiago Álvarez de Mon, professor da escola de negócios espanhola IESE, acrescenta Pascal e Maquiavel.

Mas, por ser uma lista prolixa, é inútil continuar com esta enumeração. O ideal é ser seletivo nas leituras e começar com textos breves para que os executivos abram, aos poucos, seu apetite de leitura, "porque não precisam apenas de informações do noticiário econômico, de balanços e de e-mails. Devem ser pessoas mais cultas, para as quais não predomine o conceito de soluções de curto prazo", afirma Álvarez de Mon. Em termos parecidos, expressa-se o sócio da MindValue, quando afirma que "muitos empresários querem prever o futuro, e não há melhor instrumento para isto do que analisar o passado da própria cultura".

Álvarez de Mon considera que alguns livros de administração atuais estão cheios de banalidades. "Platão e Aristóteles já o praticavam o coaching, que parece ter sido descoberto agora por certos autores", comenta Aguado.

"Os empresários deveriam ter obsessão por abrir suas cabeças", afirma Josep María Pujol, presidente da Ficosa e um apaixonado pelos clássicos. "É importantíssimo recomendar este tipo de livro aos empregados para que haja uma comunhão entre todos", enfatiza. "Isso

porque a excelência não se encontra nos livros de administração, mas internamente, cada um formando-se consigo próprio", complementa.
Qualquer um dos livros de Thomas Moore ou as obras do Cardeal Newman, professor protestante de Oxford convertido ao cristianismo, são outros volumes que Pujol recomendaria.

Gazeta Mercantil, São Paulo, 30 mar. 2007. Vida Executiva, p. C9